

ACONTECE NO IME

Ano IV Número 29, Agosto de 2015

visite-nos www.ime.usp.br | curta: fb.com/imeusp

INTERNACIONALIZAÇÃO

Estudantes estrangeiros do IME contam sobre suas experiências no Brasil e no Instituto

*Dificuldade para conseguir moradia e falta de conhecimento da língua são entraves no período de adaptação, mas infraestrutura da universidade e boa recepção dos brasileiros ajudam a superar obstáculos iniciais. **página 2***

VOCÊ SABIA?

*Descubra como e quando se deu o plantio das árvores que hoje fazem parte da paisagem do nosso Instituto. **página 4***



CAROLINA MAZZOLA

Evento: USP e as Profissões

9ª Feira de Profissões no Parque de Ciência e Tecnologia da USP

Data: 6 a 8 de agosto de 2015

Horário: 9h às 17h

EDITORIAL

Começamos o semestre letivo comemorando o bicampeonato da Comissão de Trote. Pelo segundo ano consecutivo, o IME recebe da Pró-Reitoria de Graduação o prêmio de melhor semana de recepção aos calouros. Parabéns

a todos os que participaram!

A principal matéria deste mês é uma reportagem sobre os alunos estrangeiros do IME. As conversas que nossas jornalistas tiveram com alguns deles revelam aspectos talvez inespe-

rados da experiência deles aqui.

Espero que vocês gostem tanto quanto eu da seção "Você Sabia" deste número. Estou há 23 anos no Instituto e, antes da reunião de julho do comitê editorial do Acontece, eu nunca

tinha ouvido falar de como foi criado o pequeno bosque que nos cerca.

Aproveitem a leitura.

Severino Toscano do Rego Melo

A vida dos estudantes estrangeiros no IME

Andando pelos corredores do IME, é possível encontrar muito mais do que explicações sobre exercícios e teorias. Um espanhol latino-americano ou um inglês não-nativo são facilmente encontrados também: são os estudantes estrangeiros do Instituto, tentando se adaptar ao novo país e aprender o português brasileiro.

Sébastien Toussaint é um estudante francês que estuda Ciência da Computação na Polytech Grenoble, na comunidade Saint-Martin-d'Hères. Diferente dos demais intercambistas, Sébastien está no IME para pesquisar, por isso não frequenta aulas. Ele chegou em maio e vai voltar para a França no começo de agosto. "Na minha universidade é preciso fazer intercâmbio em um país estrangeiro. Um dos meus professores que conhecia alguns pesquisadores daqui perguntou se eles não precisavam de um aluno de intercâmbio para ajudá-los, por isso estou aqui", conta, em inglês.

O francês chegou em

terras brasileiras sem ter nenhum conhecimento da língua, o que tornou sua experiência difícil no começo. "Eu pensei que o inglês era um idioma universal, mas aparentemente aqui não é", conta. Mesmo sem falar português, Sébastien conseguiu achar uma moradia na Vila Indiana em apenas uma semana para seus três meses de intercâmbio, o que ele considera uma sorte.

Quase no final de sua experiência em outro país, Sébastien conta que gostou bastante de conhecer a cultura e a história brasileira. "A influência norte-americana que vocês têm também é muito legal. Eu só não gostei muito da música brasi-

leira", conta. Além de mais conhecimento, pesquisar no IME ofereceu ao estudante refeições baratas e o uso do Centro de Práticas Esportivas (CEPEUSP). "Eu acredito que fiz uma boa escolha em vir para o IME, já que os projetos são muito interessantes, e agora eu planejo aprender um pouco mais de português".

Já o estudante peruano César Yapunari Nontol Rodríguez estuda Ciência da Computação na Universidade César Vallejo (UCV), na cidade de Trujillo. Ele resolveu vir para o IME porque a USP é considerada uma das melhores universidades da América do Sul, além do fato de querer aprender portu-

guês. Assim como Sébastien, César também enfrentou problemas com o idioma no começo: "Quando eu cheguei tinha algumas dificuldades referentes à língua. Algumas palavras eu não conseguia entender ainda e não podia expressar tudo o que eu queria dizer", conta o estudante.

A falta do português dificultou os trâmites do estudante na Polícia Federal, já que ele precisava de diversos documentos. "Além disso, nos primeiros dias, tive um pouco de dificuldade pra me adaptar ao sistema de estudo da USP, assim como ao sistema de transporte. Felizmente minha *ifriend* Luciana Bonatto

ajudou-me para encontrar moradia”, conta.

César ficou por dois semestres estudando no IME e voltou para seu país no final de julho. Dentre as suas melhores experiências na USP estão conhecer pessoas novas, compartilhar aulas com amigos brasileiros e intercambistas e aprender cada vez mais o português. Além disso, o peruano gostou bastante de andar de bicicleta pela USP. “Valeu muito a pena fazer intercâmbio no IME e na USP em geral. Eu gostei muito das aulas, dos colegas, dos professores e das senhoritas que me atenderam na secretaria do IME. E, além de conhecer pessoas de muitos países, esta experiência me ajudou a ser mais independente. Também quero, de maneira especial, ressaltar e agradecer a hospitalidade e afabilidade das pessoas brasileiras que fizeram da minha experiência a melhor; vai fazer parte da minha vida”, conta.

Além dos intercambistas, existem outros estudantes que vêm para uma pós-graduação completa no IME. É o caso de Erika Guetti Suca, que estudou na Universidad Nacional de San Agustín, no Peru, e agora faz o doutorado em Ciência da Computação no Instituto. Ela não tinha a

referência de que a USP era uma das melhores universidades da América Latina quando resolveu embarcar para o Brasil para fazer o mestrado e depois o doutorado: “A gente tem uma lista de referências de universidades do Brasil em Computação. Eu primeiro tentei quatro universidades, mesmo ainda não tendo muito conhecimento de que áreas eram desenvolvidas em cada uma. Depois de um tempo recebi as cartas de aceitação de duas, a primeira foi o IME e eu achei legal”, conta.

Para a peruana, a maior dificuldade encontrada no começo foi o clima brasileiro. “Eu venho de uma cidade fria e o Brasil é quente. A maior parte das minhas roupas era de frio, a maioria das comidas que eu comia eram sopas, e bebidas quentes. Aqui a primeira coisa que você encontra é uma comida tradicional e contínua: arroz, feijão e alguma carne, e eu estava acostumada a comer coisas mais líquidas”, relata.

Erika chegou um pouco mais preparada: tinha estudado um mês de português e conhecia um amigo que a ajudou na busca por moradia. “Ele me indicou uma casa para alugar no começo, mas depois que cheguei eu

consegui uma bolsa, então comecei a ver os trâmites para entrar no Crusp. Depois de um tempo ganhando a bolsa, consegui uma vaga no Crusp”, conta.

Já o colombiano José Manuel Chauta Torres veio para o IME para fazer o doutorado em Matemática, logo depois

colombianos vêm aqui sem saber português porque achamos que os idiomas são muito parecidos, então pensamos que daria para morar em um lugar onde falam português falando espanhol, e não é bem assim. É bem diferente, a gente sofre no início porque não consegue



José Manuel Chauta Torres, doutorando em Matemática

CAROLINA MAZZOLA

de fazer a graduação e o mestrado na Universidad Nacional de Colombia, em Bogotá. Ele chegou na USP em 2012 e escolheu o IME por sua referência na área matemática, além das bolsas fornecidas pela universidade.

Para ele, a cultura brasileira e a colombiana não são muito diferentes, então não encontrou grandes problemas para se adaptar. “São pessoas calorosas, você consegue falar facilmente com qualquer um, então a gente não sente tanta diferença quanto à cultura, comida... No final são muito parecidas”, conta.

Contudo, ele chegou sem falar nada do idioma. “Muitos

entender muito do que as pessoas falam”, conta José. Além disso, ele teve dificuldade para encontrar moradias baratas. “Perto da USP é muito caro, mas com a bolsa dá para arrumar alguma coisa. Eu acho que precisa ter paciência para procurar, não é tão difícil assim, mas que é caro, é. Atualmente moro em uma república” conta.

Para José, as instalações do instituto são muito boas, inclusive a organização da biblioteca e as salas de informática. “Gostei muito de vir para o IME, eu até ficaria mais! Mas a ideia inicial é voltar para a Colômbia”, diz o colombiano.

VOCÊ SABIA? Árvores do IME foram plantadas por professor nos anos 70

Nem sempre a USP contou com esta vasta gama de vegetação encontrada atualmente no campus. No seu início, a Universidade tinha pouquíssimas plantas, já que o terreno era uma doação ao Governo do Estado de São Paulo da antiga fazenda Butantan, que se dedicava ao plantio de café e a criação de gado.

Com o IME não era diferente: era um aterro por cima de um brejo, extremamente estéril. Foi pela iniciativa do, hoje aposentado, professor Amadeo Peter Hiller, do Departamento de Matemática, que a situação começou a mudar. Ele começou a lecionar em 1969, mas foi em meados de 1975 que começou a colocar em prática sua ideia de dar mais vida ao entorno do IME. “Na época eu era assistente do professor da Poli e do IME, Waldyr Oliva, que se tornou reitor. Quando ele foi eleito, eu aproveitei o embalo para falar sobre as árvores que eu pretendia plantar”, conta o ex-docente.

O matemático resolveu falar com um professor do Instituto Agrônomo de Campinas para fazer o planejamento estético. “Eu comprei as plantas numa fazenda que era do José Bonifácio Coutinho Nogueira, que foi secretário da agricultura. Ele tinha uma criação de árvores nativas para vender, então ali eu comprei muita coisa por um bom preço. Tinha outra floricultura, também em Campinas, que se chamava Flora Campineira. Ela era cara, mas tinha várias plantas exóticas, como da Malásia, por exemplo”, conta.

Com um caminhão para instalar postes da prefeitura do campus, Amadeo começou a criar a até então inexistente flora do IME. “Fomos abrindo covas que iam abaixo do nível do aterro, para alcançar a terra mais ou menos natural que tinha lá embaixo. Depois

CAROLINA MAZZOLA



enchemos os buracos de terra adubada e então nasceu toda essa vegetação” explica.

Uma das escolhas foi a árvore Imbaúba, típica da América do Sul. “Ela era uma das paixões do professor do Instituto Agrônomo, por isso plantamos 10 ou 15 espécies diferentes, algumas até provenientes da Bolívia, por exemplo. Isso deixou uma aluna da Biologia que veio nos visitar doida, já que ela nunca tinha visto tantas espécies assim”, relata o ex-professor.

Contudo, algumas árvores alcançaram proporções inesperadas. “Na entrada que não é mais usada pelo IME, em direção à FAU, tem uma árvore enorme. Essa foi plantada depois, o professor do Agrônomo foi quem me deu de presente da Argentina. Era uma mudinha de nada e virou uma árvore enorme, ocupando muito espaço”.

Segundo Amadeo, o Instituto Agrônomo de Campinas foi de grande ajuda; e o IME resolveu as pendências burocráticas, como conseguir o maquinário para ajudar no plantio. “Apesar disso, todo mundo me dava tapinha nas costas pelo trabalho”, brinca.

Diretor

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Vice-Diretor

Severino Toscano do Rego Melo

Assistente Técnica Administrativa

Paixão de Mattos P. Saldanha

Assistente Técnica Acadêmica

Daniela Santana Carvalho

Assistente Técnico Financeiro

Joaquim Vilemar de Sousa Rocha

Redação e Edição

Carolina Mazzola

Mariana Miranda

Revisão e Fotografia

Juliana Frutuoso

Conselho Editorial

Gislaine Olivi Lima, Roberto Hirata Júnior,

Severino Toscano do Rego Melo

